



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES

MICHELLE TUFINO

A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ATUAL.

Londrina

2009

MICHELLE TUFINO

A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ATUAL

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao CECA - Departamento de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito obrigatório para conclusão do curso de Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Samira Fayez Kfourri da Silva

Londrina

2009

MICHELLE TUFINO

A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ATUAL

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao CECA - Departamento de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito obrigatório para conclusão do curso de Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientador
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, _____ de _____ de _____.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus pela força e perseverança que depositou em mim durante essa trajetória. Aos meus familiares pelo apoio. Aos meus amigos pela compreensão e ajuda nos momentos de maior dificuldade. E a professora orientadora Samira Fayez Kfourì da Silva pela orientação e auxílio, pois sem ela não seria possível a concretização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS.

Ter o que, e a quem agradecer, é sinal alegria e reconhecimento, momento em que a gratidão se manifesta plenamente. Muitos foram os que estiveram ao meu lado durante essa etapa.

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela força e sabedoria dadas, além do discernimento para saber por onde caminhar nos momentos de maior dificuldade.

A professora orientadora Samira Fayez Kfourri da Silva, que foi suporte e braço amigo em todas as etapas desse trabalho.

Aos familiares pela confiança e motivação.

Aos amigos que direta ou indiretamente favoreceram para que esse trabalho fosse concretizado.

Aos demais professores pela concessão de informações e colaboração para que fosse realizado e finalizado este trabalho.

Sem ajuda de vocês nada disso teria acontecido.

Obrigada a todos!

"Há homens que lutam um dia e são bons.
Há outros que lutam um ano e são melhores.
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.
Porém, há os que lutam toda a vida.
Esses são os imprescindíveis."

Bertolt Brecht.

TUFINO, Michelle. **A indisciplina no contexto atual**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, 2009.

RESUMO.

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a questão da indisciplina no contexto escolar atual, refletindo sobre os fatores internos e externos à escola que podem gerar e/ou potencializar casos de indisciplina. O tema é alvo de intensas discussões não só dentro da academia, mas mobiliza a sociedade civil, professores, pais e alunos, enfim é um algo que suscita muitas questões, e por ser atual não se vislumbram esgotamentos. Muitas vezes, acaba se tratando o assunto de maneira superficial, portanto, acredita-se que o mesmo deve ser analisado de forma mais abrangente, buscando desmistificar pré-conceitos e desfazer esteriótipos. Para tanto, primeiramente, antes de analisar como o tema se desdobra da atualidade, iremos percorrer os grandes períodos históricos que marcaram a educação, e buscar fazer uma ponte dos aspectos que ainda permanecem e contribuem para gerar a indisciplina, para posteriormente refletirmos sobre qual o papel do professor perante o comportamento de indisciplina dos alunos em sala de aula, para garantir o acesso e a permanência dos mesmos na escola. Ao se discutir o tema percebe-se uma gama vasta de questionamentos oriundos de diversas partes, o terreno é marcado por muitos elementos que contribuem para que a indisciplina aconteça, além de ser habitado por inúmeras contradições. Diante do exposto, acreditamos que unir forças para trabalharmos juntos é de suma importância, precisamos, pois acabar com utopias e trabalhar com o que temos.

Palavras-chave: Educação; Indisciplina; Escola.

TUFINO, Michelle. **Indiscipline in the current context**. 2009. Conclusion Course (Graduate Education). Universidade Estadual de Londrina - UEL, Londrina, 2009

ABSTRACT.

This paper aims to discuss the issue of indiscipline in the school environment today, reflecting on the internal and external to the school that can generate and / or increase cases of indiscipline. The theme is the subject of intense discussions both within the academy, but mobilizes civil society, teachers, parents and pupils, and finally one is something that raises many questions, and because we do not see current breakdowns. Often ends up treating the subject superficially, therefore, it is believed that it should be examined more thoroughly, trying to dispel prejudices and dispel stereotypes.

For this purpose, first, before examining how the theme of the day unfolds, we will go the great historical periods that have marked the education and seek to bridge the issues that remain and contribute to indiscipline, and later reflect on what the role of the teacher before the behavior of disruptive students in the classroom, to guarantee access and permanence in the same school.

In discussing the subject perceives a wide range of questions from different parts of the land is marked by many elements that contribute to indiscipline happen, and is inhabited by numerous contradictions. In this light, we believe that joining forces to work together is paramount, we therefore end up with utopias and work with what we have.

Key-words: Education; Indiscipline; School.

SUMÁRIO.

INTRODUÇÃO.....	09
Cap.1 PERCORRENDO A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	12
1.1 Do período Jesuítico à República.....	12
Cap. 2 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA GERAR A INDISCIPLINA.....	18
2.1 O que é disciplina? O que é indisciplina?.....	18
2.2 Fatores que contribuem para gerar a indisciplina.....	19
2.2.1 A Família.....	19
2.2.2 A Mídia.....	21
2.2.3 Problemas de distúrbio de atenção e carência emocional.....	21
2.2.4 Formação dos professores e Proposta Pedagógica.....	22
2.2.5 A escola e o sistema educacional.....	23
Cap. 3 A RELAÇÃO COM A ESCOLA.....	25
CONCLUSÃO	
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade extremamente dinâmica, onde as informações são transmitidas e processadas de modo aligeirado; nesse contexto de globalização muitos problemas emergem em várias instâncias sociais, e a educação se vê bombardeada por inúmeros conflitos. Sendo a escola sua principal representante, ela reflete diretamente a influência desses conflitos.

Hoje há a sensação de não saber quem somos, nem para onde vamos, os papéis sociais da escola, família, Igreja, enfim, das instituições sociais clássicas, já não tem clareza sobre suas reais funções na atual sociedade. A indisciplina acaba sendo a repercussão desses conflitos maiores.

O tema indisciplina é alvo de intensas discussões na atualidade, mobilizando professores, pais e alunos; contudo, muitas vezes se trata o assunto de maneira superficial, e não se sabe ao certo os motivos que a geram, e nem como lidar com ele, pois comumente, os estudos a respeito vêm carregados do sendo comum e preconceitos.

Precisamos analisar o assunto de maneira mais abrangente, visto que, o atual modelo de educação que temos herda direta e/ou indiretamente resquícios da educação do passado. Por conseguinte, acreditamos que seja necessário, antes de analisar como o tema se desdobra da atualidade, percorrer os grandes períodos históricos que marcaram a educação, e buscar fazer uma ponte dos aspectos que ainda permanecem e contribuem para gerar a indisciplina. Na verdade, o que sabemos sobre a história da institucionalização da educação no Brasil, é que desde o período jesuítico ela vem carregada de autoritarismo, visando uma obediência e subordinação a regras, normas e valores; e muitas vezes, os professores detentores de um saber sistematizado, acabavam menosprezando o potencial do aluno, se reconhecendo, como donos da verdade.

Uma educação marcada por preconceitos e esteriótipos só poderia gerar um terreno cheio de antagonismos, de modo que, vários fatores contribuem para que a indisciplina aconteça. Dentre eles a família é um elemento importante,

visto que, os membros mais próximos são os que mais influenciam no comportamento do aluno, no entanto, não podemos jogar a responsabilidade somente nas mãos dos pais, pois, muitas vezes, uma metodologia errada e uma postura inadequada do professor são fatores que favorecem esse quadro. Podemos citar outros elementos como: falha no planejamento do professor; falta de limites dos alunos; deficiência nas relações interpessoais – afetividade -; falta de interesse do aluno, devido dificuldades de aprendizagem; enfim, uma série de componentes que maximizam o problema. Na verdade, esse tema é muito vasto, e possui uma gama elevada de questionamentos.

Diante do exposto e por ser um tema atual e polêmico, onde não se vislumbra esgotamento, consideramos de extrema relevância a pesquisa sobre tal, visando ampliar o entendimento a respeito sobre a indisciplina. Para tanto, temos como objetivo compreender quais os fatores externos e internos que geram a indisciplina no contexto escolar, bem como, refletir sobre qual o papel do professor perante o comportamento de indisciplina dos alunos em sala de aula, para garantir o acesso e a permanência do mesmo na escola.

Em nossos dias, cada vez é mais difícil estabelecer a disciplina. O aluno de hoje tem uma postura completamente diferente da que seu pai ou avô teve. Com todas as mudanças nas condições de vida na sociedade como um todo, as crianças possuem mais independência, mais informação, menos dispostas a obedecer aos adultos, além disso, a falta de união familiar, devido a ausência dos pais por trabalharem e ficarem fora longas horas fora de casa, auxilia para que o filho aprenda a se comportar sozinho, ou em muitos casos, se espelhando nos programas infantis que muitos passam o dia assistindo.

O que qualquer profissional empenhado em realizar um bom trabalho deseja é que seus alunos consigam minimamente aprender parte do se ensina. Evidente que as salas de aulas que somos acostumados ver em filmes do século passado, onde os alunos estão todos uniformizados, enfileirados, dóceis, quietos, quando não muito, mudos, já não está mais presente na atual estrutura da sociedade. Hoje, as aulas são mais dinâmicas, buscam instigar os alunos a desenvolverem suas potencialidades, entretanto, para muitos educadores, aquela velha sala da aula, ainda é o “sonho de consumo”, e com certeza, uma tarefa difícil

de ser realizada hoje. Precisamos acabar com utopias e trabalhar com o que temos.

Essa é a grande tarefa dos educadores brasileiros na atualidade: fazer com que os alunos permaneçam na escola e que progridam tanto quantitativa quanto qualitativamente nos estudos. Mesmo porque escolaridade mínima e obrigatória é um direito adquirido de todo aquele nascido neste país. E desse princípio ético-político, e também legal, não podemos abrir mão sob hipótese nenhuma. (AQUINO, 1998a, p. 4).

Por mais dificuldades que se tenha, nós educadores precisamos assumir uma postura firme diante do problema da indisciplina. Que a indisciplina nunca deixará de existir é fato, entretanto, minimizar seus efeitos para que o processo de ensino/aprendizagem seja realizado de modo satisfatório é possível.

Adiante iniciaremos nossa análise percorrendo os grandes períodos históricos da História da educação, buscando perceber indícios que contribuem para que a indisciplina aconteça, bem como os elementos que ainda permanecem nas práticas escolares; posteriormente a influência de fatores internos e externos à escola, e finalmente inferir sobre qual o papel do professor perante o comportamento de indisciplina dos alunos em sala de aula, para garantir o acesso e a permanência do mesmo na escola. Iniciemos o caminho!

CAP. 1 PERCORRENDO A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.

Para compreendermos melhor a educação da atualidade precisamos retornar aos primórdios da educação brasileira, visto que, nossos modelos de educação vêm dotados de particularidades, particularidades estas que podem auxiliar na busca de entendermos como a indisciplina se configura atualmente. Cabe ressaltar, que a maioria dos nossos modelos e métodos pedagógicos veio de fora, mais precisamente da Europa, e visavam consolidar o pensamento político e a hegemonia de um determinado grupo, ou seja, colocar o método europeu em prática, serviria como mecanismo pelo qual se poderia expandir a supremacia do grupo que se encontrava no poder, já que o Brasil desejava o progresso.

Sabemos que ao iniciar a colonização do Brasil vários povos entraram em contato uns com os outros, e ambos, tinham como interesse explorar nossas riquezas. Como nossas terras eram, e ainda são, muito ricas, vários interesses foram entrando em jogo, e buscar a hegemonia se tornou o objetivo de determinados grupos. A educação então passou a ser vista como local estratégico, pois através dela se poderia difundir e inculcar a cultura européia. De todos os períodos históricos que residiram em nossa educação acreditamos que seja relevante citar: o período dos Jesuítas; do Império e da República.

1.1 DO PERÍODO JESUÍTICO À REPÚBLICA.

A educação foi ministrada pelos jesuítas de 1549 a 1759 aproximadamente. De acordo com Arno Alvarez Kern (apud STEPHANOU; BASTOS, v.1, 2004) as ações dos missionários portugueses tinham como objetivo catequizar e instruir, alfabetizavam a partir da aculturação, o ensino era centrado na doutrina da Igreja, além disso, a fé estava acima de qualquer outro ideal, ela sobrepuja os interesses políticos e econômicos. Eles ofereciam um ensino que hoje chamamos de Tradicional, com um discurso universalista e baseado em uma filosofia humanista cristã, na verdade os jesuítas queriam inserir os indígenas na

cultura letrada, educar para civilizar. De modo que,

o objetivo era a ação evangélica de transformação do indígena em um “homem completo” através de sua educação, da evangelização e de sua subtração à escravidão. Aos olhos dos missionários europeus, o indígena só seria um homem completo e feliz em função da conversão, o objetivo último das missões, em relação ao qual os meios temporais exerceram um mero papel auxiliar (id, ibid, p. 112).

Entretanto, cabe ressaltar que a educação jesuítica educava a elite, os filhos dos colonos, mas excluía o povo, ou seja, eles desejavam catequisar os índios para que estes incorporassem os valores europeus, mas educavam os filhos dos colonos, preparando estes para administrar as novas terras, de modo que, conseguiam influenciar as classes sociais, sendo estas não mais distinguidas apenas pelas suas posses materiais, mas também pelo grau de instrução.

A ação desenvolvida pelos jesuítas tinha um caráter civilizador, para tanto era preciso convencer os índios, para estes aderirem aos valores morais cristãos. Isso só foi capaz a partir de uma rigidez e disciplina rigorosa. Inferimos que não podemos falar de indisciplina nesse período, visto que, os alunos eram colocados à mercê de uma pressão constante para apreenderem os novos costumes, o medo e a repressão pairavam sobre a escola, além disso, a iniciativa e a criatividade individual eram inibidas, devido o excesso de autoritarismo, entretanto, ainda hoje encontramos professores que baseiam sua prática diária em métodos que tem o convencimento como principal recurso na tarefa de educar.

Com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal em 1759 o sistema de ensino se viu truncado, pois de um lado tínhamos as escolas jesuíticas que buscavam ensinar a partir da fé, e de outro Pombal que desejava organizá-las a cargo do Estado. Precisamos entender que a Reforma Pombalina aconteceu tendo entrelaçada aos seus objetivos os ideais da Reforma Protestante, visando tirar a educação do domínio do saber escolástico tradicional, e transpô-la ao racionalismo moderno (GAUER, apud, STEPHANOU; BASTOS, v.1, 2004). Sendo o Marquês de Pombal um estudioso da época envolvido ativamente nas mudanças de seu tempo, almejou através de sua reforma criar um ensino laico que levasse ao progresso, ou seja, intelectualizar e racionalizar através da ciência, para que os cidadãos se adequassem aos novos valores ascendentes. Na verdade,

a tarefa da Reforma de 1772 caminhou em duas direções: a primeira concebia que a intelectualização e a racionalização operada através da ciência e da técnica abririam o caminho para permitir ensinar e aprender o modo justo do comportamento na vida e, sobretudo, o comportamento adequado do cidadão; e a segunda orientou-se no sentido de “adequar” o conhecimento científico às condições da “realidade” portuguesa da época (Id, ibid, p. 150).

Cabe pontuar, no entanto, que os professores contratados comumente eram leigos, e foram educados no bojo das idéias jesuíticas, de modo que, não houve mudanças significativas, somente uma continuidade aos métodos anteriores.

No Império as escolas passaram a cargo do poder público, sendo a educação centrada nos ideais do liberalismo. O Império foi marcado por grandes derrotas em relação à Educação, na verdade, por mais que tenham tido iniciativas em favor da educação, pouco se concretizou; além disso, o interesse dos nobres era que o ensino se limitasse àqueles que tinham dinheiro. Criaram-se muitas escolas/cursos superiores, a cargo do Estado, na verdade, o pouco incentivo ao ensino secundário, era para que este desse respaldo para os cursos superiores.

As escolas foram elitizadas, de modo que, as escolas reforçavam a elite dos proprietários de terras, isso, por conseguinte, facilitava a atuação do poder político. Decorreu que,

as idéias que circulavam no Brasil, através das conferencias pedagógicas, das conferências populares, do Congresso de Instrução, da exposição pedagógica e escolar, do museu escolar e pedagógico, dos impressos, faziam parte de um movimento intelectual, no qual a elite intelectual brasileira procurava integrar-se e vivenciá-lo na sua realidade social. Ao mesmo tempo que participavam do Estado, favorecendo a sua manutenção, esses intelectuais preconizavam transformações nas estruturas sociais, na perspectiva de que a educação equivalia a “progresso” (BASTOS, apud, STEPHANOU; BASTOS, 2005, v.2, p. 130).

Esse desejo de pensar a educação como possibilidade de favorecer o progresso levou os intelectuais a adotarem o positivismo como filosofia de trabalho. A educação seria pautada na ciência, Elomar Tambara (apud STEPHANOU; BASTOS, 2005, v.2) comenta que “em suma, a idéia do positivismo era a da ‘liberdade de ensino e da liberdade profissional’. O pilar ideológico

positivista, com relação à educação, era o do ensino livre” (p. 175). Na verdade, por mais que tenham tido ações em defesa de uma melhor educação, muitas foram as oscilações, e pequenas e insignificantes mudanças. Na realidade, os alunos continuavam a serem submetidos a uma intensa disciplina e inibição de suas capacidades de iniciativa e criatividade.

Somente a partir da República, mais precisamente, a partir da década de 20, é que o Brasil começou sofrer mudanças significativas com relação à economia, política, cultura e, conseqüentemente, na educação. As escolas passaram a ser regulamentadas em âmbito nacional e guiadas por uma tendência que via a educação como solução dos problemas enfrentados pela sociedade. Chegaram ao país as influências americanas e alemãs por meio das idéias de Herbart e Dewey, aqui divulgadas por Anísio Teixeira, considerado o precursor da Escola Nova no Brasil.

Com o “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”, em 1932 buscava justamente combater o caráter abstrato e pouco utilitário que instrução até então tivera, foi um movimento muito importante, pois, a partir dele várias reformas educacionais foram discutidas e implementadas. De acordo com Eliane Peres (apud STEPHANOU; BASTOS, 2005, v.3) a partir do século XX o aluno passa a ser visto como agente ativo da aprendizagem, de modo que, discussões acerca do desenvolvimento da aprendizagem, psicomotricidade, criatividade e outros conceitos da Psicologia, bem como liberdade e autonomia individual dos educandos, passaram a ser o centro dos debates do movimento. Agora o aluno passava a interagir na escola, com situações vivenciadas no seu cotidiano, com uma continuidade da experiência do seu interesse e necessidade, na verdade a defesa dos métodos ativos de ensino, de liberdade e respeito à iniciativa dos alunos, dando ênfase ao afrouxamento das normas disciplinares era a bandeira da Escola Nova.

O movimento de renovação pedagógica que colocou a criança no centro do processo pedagógico, que produziu e enalteceu a Psicologia Educacional como fonte de toda a sabedoria sobre a infância e a escola, precisou também, construir um novo perfil de professor. Já não era suficiente um professor que dominasse os conteúdos e os métodos de ensino, era preciso um *especialista* no desenvolvimento infantil. Processou-se aquilo que Thomas Popkewitz (1998) caracterizou como reenquadramento da identidade profissional dos docentes (Id, ibid, p. 121).

Como visto, o aluno a partir do movimento escolanovista foi sendo aos poucos libertado da tutela do adulto, para começar a exercitar sua própria liberdade e consciência. A relação professor/aluno passou a ser dinâmica, onde, ambos interagiam mais um com o outro.

A partir do final da década de 50 começou a surgir uma nova proposta educacional chamada Pedagogia Tecnicista. Essa tendência ganhou vigor após a crise do movimento escolanovista; se expandiu rapidamente principalmente após o golpe militar de 1964. Nesse novo modelo, o homem é considerado um produto do meio, é uma consequência das forças existentes em seu ambiente. Piletti (1991) parafrazeando Libâneo comenta que essa tendência buscou inserir a escola nos modelos de racionalização do sistema capitalista; de modo que a consciência do indivíduo era formada nas relações que este estabelece com o meio e controlada pela educação, sendo esta última, a possibilidade de aperfeiçoar a ordem social. Na verdade, o interesse da tendência perpassa o ideal de “produzir” indivíduos adequados à sociedade.

A prática escolar passa a atuar tendo como função especial adequar o sistema educacional à proposta econômica e política do regime militar, preparando, dessa forma, mão de obra para ser aproveitada pelo mercado de trabalho. Aluno e professor ocupam posição secundária, apenas executam as tarefas no processo de ensino/aprendizagem, pois o principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso. Assim,

o professor é apenas um elo de ligação entre a verdade científica e o aluno, cabendo-lhe empregar o sistema institucional previsto. O aluno é um indivíduo responsivo, não participa da elaboração do programa educacional. Ambos são expectadores frente à verdade objetiva. A comunicação professor-aluno tem um sentido exclusivamente técnico, que é o de garantir a eficácia da transmissão de conhecimento. Debates, discussões, questionamentos são desnecessários, assim como pouco importam as relações afetivas e pessoais dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem (LIBÂNEO, apud, PILETTI, 1991, p. 67).

Nessa época, que é banido das escolas o espírito crítico e reflexivo, pois práticas e instrumentos que favoreciam o controle da atividade escolar forma enfaticamente cultuados. Atualmente, muitos profissionais que atuam nas escolas

tiveram a sua formação pautada nos ideais desta época. Ainda hoje, nota-se que muitos educadores não conseguem lidar com esse aluno real que está em nossas salas de aula, herança desse contexto tecnicista, onde, o uso muitas vezes indiscriminado, dos recursos tecnológicos e audiovisuais nas escolas é extremamente valorizado.

Através dos períodos abordados, e das tendências descritas percebemos que ser professor nunca foi tarefa fácil, muito pelo contrário, são infindáveis os obstáculos a enfrentar e transpor. Só uma relação amistosa entre professor e aluno, recheada de afeto e carinho não determinam o sucesso da aprendizagem; professores que fazem das salas de aula verdadeiros espetáculos, divertindo os alunos, também não conseguem algo significativo com relação ao que os alunos realmente aprenderam; um professor sério, extremamente centrado, que domina os conteúdos, mas não consegue empatia com os alunos, também não atinge grandes resultados. Em nossos dias na escola, observamos que os alunos querem um professor que domine o conteúdo, tenha autoridade, mas sem ser autoritário e que também esteja aberto a discutir os problemas que afligem adolescentes e jovens na atualidade. Talvez a articulação harmoniosa das peculiaridades citadas acima, pode fazer a diferença ao lidar com o problema da indisciplina.

CAP. 2 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA GERAR A INDISCIPLINA.

Antes de tecer quaisquer comentários sobre os fatores determinantes da indisciplina, acreditamos ser necessário, fazer uma definição sobre o que vem a ser disciplina e posteriormente, o que é indisciplina. Para lidar com o problema precisamos nos munir de conhecimento sobre.

2.1 O que é disciplina? O que é indisciplina?

De acordo com o dicionário Aurélio (1986, p. 384) disciplina é “uma relação oposta, de afeto e respeito, uma ação recíproca do cumprimento das normas”, enquanto que, indisciplina se define como sendo “a desobediência, confusão ou mesmo a negação de ordem como, as normas ou regras impostas”. Em outro dicionário, Ferreira, (1988 p. 224) define disciplina como: “regime de ordem imposta ou livremente consentida, a ordem necessária ao funcionamento regular de uma organização, relação de subordinação do aluno ao mestre”. Nos dias atuais, ter disciplina significa subordinar-se a princípios, interesses de determinada pessoa e/ou grupo; ser indisciplinado é fugir desse padrão de condicionamento à normas e valores.

A escola é um espaço privilegiado no que tange perceber uma conduta tida como indisciplinada, principalmente a relação professor/aluno os conflitos ficam mais evidentes. A indisciplina escolar sempre foi um problema sério que dificulta o desenvolvimento do trabalho pedagógico, entretanto, esse problema acaba sendo o reflexo da indisciplina generalizada por que passa toda a sociedade, os educandos acabam sendo influenciados por problemas sociais maiores que afligem a população mundial, tais como: crise econômica, globalização, avanço tecnológico, queda dos valores éticos e morais, das instituições em geral.

Segundo Oliveira (2005), alguns fatores são apontados como determinantes da indisciplina e influenciam direta e indiretamente a maneira como tal

se desdobra, todavia, merecem um estudo mais aprofundado quando buscamos um entendimento mais apurado sobre as situações conflitantes nas escolas atuais públicas ou particulares. Esses fatores seriam de origem psico-sociais (família, mídia, diversidade, problemas de distúrbios de atenção, carência afetiva) e os chamados fatores pedagógicos (formação de professores, proposta pedagógica, imposição ou falta de regras, o sistema e a escola).

A indisciplina representa um transtorno não só para os professores, coordenadores pedagógicos, supervisores, diretores, mas também, para os pais que, além de terem que lidar no dia a dia com o problema de comportamento de seus filhos em casa e na rua, ainda recebem constantes reclamações por parte dos professores sobre as atitudes dos mesmos na escola (OLIVEIRA, 2005, p.14).

2.2 Fatores que contribuem para gerar a indisciplina.

2.2.1 A família.

Ao longo do processo de civilização a família passou a desempenhar diferentes funções, ela é uma instituição social que possui conflitos como qualquer outra, entretanto é única, e de suma importância para cada membro que a compõe, bem como para a sociedade. De acordo com Danda Prado (1981)

a família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da História e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado (p. 12).

A autora adiante afirma que dentro da família há papéis sociais socialmente definidos, contudo, esses papéis dependem de como a sociedade está organizada. Atualmente vários modelos de família coexistem na sociedade, e os papéis sociais vão se modificando para se enquadrarem na estrutura social, no entanto, Prado aponta que “sem dúvida, nossa instituição familiar é patriarcal, autoritária e monogâmica” (p. 23). Tradicionalmente, o conceito de família é definido

como sendo constituída de um grupo de pais e filhos, ou em um sentido mais abrangente inclui parentes mais próximos. Todavia, esse conceito vai sofrendo oscilações, na medida em que, novas formas de organização familiar vão surgindo; segundo Reis (1985, p. 102) “é impossível entender o grupo familiar sem considerá-la dentro da complexa trama social e histórica que a envolve”.

Não há um modelo homogêneo e hegemônico na sociedade atual, e fica evidente que todas as mudanças que ocorreram na instituição familiar afetam principalmente a educação dos filhos, refletindo também sobre o desenvolvimento e o desempenho escolar dos mesmos. Danda Prado (1981) salienta que é por meio da família que a criança começa a se integrar ao mundo, e inicia seu processo de avaliação e seleção das suas relações sociais, da mesma forma, em que vai construindo e reproduzindo hábitos, valores, que vão sendo transmitidos de geração para geração.

A relação da família com o filho é de extrema importância, visto que, através dela inicia-se o processo de socialização da criança com o mundo, bem como auxilia no desenvolvimento da aprendizagem da criança. Mesmo esta relação pais e filhos sendo fundamental na educação dos filhos, ela muitas vezes não acontece satisfatoriamente, pois, nosso modelo atual de sociedade dificulta esta relação, no corre, corre do dia-a-dia os pais se vem sem tempo para acompanhar todas as atividades dos filhos.

Para Aquino (1996), a família e a escola são responsáveis pela educação dos alunos em um sentido amplo. Ambas devem atuar juntas, uma articulada à outra, e se complementando mutuamente, entretanto, cada uma tem seu papel específico, e nem uma, nem outra, não deve, e não pode delegar sua função à outra.

Infelizmente hoje muitas famílias delegam sua função à escola. A dificuldade de conciliar a vida familiar com a vida profissional, potencializa a falta de presença dos pais na vida dos filhos, e estes acabam procurando alternativas para suprir o tempo livre dos filhos. Com o convívio com outras pessoas as crianças vão formando sua personalidade, moldada através da vivência social que esta tendo, e muitas vezes, esse processo de formação do “eu” não se concretiza

satisfatoriamente. Assim, fica explícito que, a falta de tempo, bem como de disponibilidade dos pais frente a vida dos filhos é um fator relevante para acentuar posturas indisciplinadas.

2.2.2 A mídia.

De acordo com Oliveira (2005) muitas vezes, os professores apontam como uma das principais causas da indisciplina o apelo dos alunos à mídia, principalmente à televisão, cuja programação nem sempre transmite informações relevantes para a vida dos alunos, mas incentiva a rebeldia, sexo, violência; apresentando uma total inversão de valores. Nada mais evidente que os alunos cheguem à escola e comecessem a reproduzir as informações, falas, gestos e comportamentos que absorveram pela televisão e pela internet.

Julio Groppa (1998a) enfatiza que o professor precisa ter clareza de qual o papel da mídia, e qual o papel da escola. A mídia tem o objetivo de entreter, difundir informações; enquanto na escola, o principal objetivo é através do trabalho pedagógico propiciar uma “desconstrução, da desmontagem das informações” (p. 9), ou seja, contribuir no processo de apropriação, por parte dos alunos, do conhecimento acumulado historicamente nos mais diversos campos do saber.

Não cabe a escola se igualar aos meios de comunicação, o trabalho realizado no seu interior difere do objetivo da mídia. Aquino (1998a, p.10), afirma que “É fundamental, portanto, que, tenhamos claro que, em sala de aula, o nosso ponto de partida é a informação, mas o ponto de chegada é o conhecimento”.

2.2.3 Problemas de distúrbios de atenção e carência emocional

Oliveira (2005) ainda nos chama a atenção para o fato de que o problema da indisciplina esteja intimamente ligado a fatores psicológicos e/ou

emocionais, tais como: Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade, problemas visuais, auditivos, dentre outras necessidades especiais.

Alunos que apresentem tais casos e não encaminhados e tratados adequadamente podem se converterem em problemas de indisciplina dentro da sala de aula. Nesse caso, a busca por informações, por parte do professor, para saber lidar com o problema é de suma importância, nada melhor do que lidar com o problema estando munido de conhecimento sobre.

Além dos distúrbios de atenção outro componente que favorece o aparecimento de casos de indisciplina é a carência emocional. Muitas vezes, os pais não dão o suporte necessário para suprir as necessidades emocionais que seus filhos precisam. Sob este aspecto o professor pode interferir estabelecendo uma relação amistosa com seus alunos, e não os vendo como somente um número de chamada.

Vários autores comentam a importância do vínculo afetivo para realização de um trabalho pedagógico satisfatório. Dentre eles, Aquino (1996) salienta que os alunos conseguem perceber quando um professor quer exercer seu trabalho de modo que a convivência seja boa, além disso, professores com tal postura, tendem a ter menos problemas com a indisciplina, pois os alunos encaram estes como parceiros de trabalho; além disso, aponta que “alunos inquietos são frutos de uma escola pouco desafiadora intelectualmente” (p.18).

2.2.4 Formação de professores e Proposta Pedagógica.

A maioria dos professores que atuam hoje em nossas escolas, foi formada sob o norte do ensino tradicional, onde se concebia o aluno como agente passivo do processo ensino/aprendizagem, o modelo de aluno é aquele quieto; que ouve e não questionam; aplicados, que tiram ótimas notas e toda a turma acompanha o ritmo do professor. Infelizmente, nossos professores ainda cultivam esse ideal de aluno, e quando se deparam com salas numerosas, os mais variados problemas de comportamentos e de dificuldades de aprendizagem não sabem como

lidar com as situações, pois a realidade difere e muito de uma idealização.

Investir na formação dos professores é de suma importância, visto que um dos meios de lidar com a indisciplina e se munindo de conhecimento, entretanto, a formação inicial não deve ser o único foco, na verdade, a formação continuada também é relevante, pois através dela os professores encontram subsídios para confrontar com sua prática diária.

Oliveira (2005) também aponta que a ausência de uma proposta pedagógica bem elaborada também pode contribuir para causar a indisciplina. Uma proposta pedagógica que venha desligada da necessidade dos alunos, certamente, não conseguirá atender os anseios da escola. Os conteúdos, a metodologia dos professores e a avaliação devem fazer parte de todo um processo que faça sentido para os alunos, por isso, a necessidade de uma Proposta Política Pedagógica que seja vivenciada e construída coletivamente, buscando sempre um objetivo comum: favorecer a aprendizagem dos alunos.

2.2.5 A escola e o sistema educacional.

Sabemos que os padrões e modelos que geralmente são seguidos pelas escolas vêm de uma imposição hierárquica. Oliveira (2005) vem nos chamar a atenção para este aspecto, pois muitas vezes esses padrões diferem da necessidade de cada escola, e na ânsia de realizar um bom trabalho, mesmo a escola não possuindo condições físicas apropriadas, professores e alunos se propõem a entrar em uma situação onde muitas vezes, se encontram perdidos, sem rumo certo.

A maioria de nossas escolas está sucateada, sem as condições adequadas, até os horários são decididos por órgãos alheios ao dia-a-dia escolar, e isso vai desmotivando, ocasionando relações desgastadas, pois sempre as regras vêm de cima para baixo, o descontentamento acaba sendo geral.

Na verdade, são inúmeros fatores que favorecem, ocasionam e até

mesmo potencializam a indisciplina. Ela é algo que vem carregada de fatores externos à escola, mas ao mesmo tempo, possui elementos que são gerados dentro da escola. Enfrentá-la não é uma tarefa fácil, mas é passível de ser realizada.

CAP. 3 A relação com a escola.

Hoje assistimos a uma mudança significativa nos papéis sociais, antes o que era dever de uma instância, hoje já não é mais, o que era direito de um, hoje não é mais. O mesmo acontece na escola, estamos perdendo gradativamente a dimensão pedagógica da escola, pois são inúmeros atores que entram em cena e tornam-se protagonistas na tarefa de “educar”, tais como: a tv e a internet. Desse modo, os professores vão se tornando “incapazes” de lidar com tantas informações/ inovações, e seu trabalho vai se modelando por tantas outras lógicas. Diante disso, urge a necessidade de repensarmos a função da escola, mediante casos de indisciplina.

Manter a disciplina em sala de aula é o desejo de muitos educadores e uma árdua missão que a escola persiste intensamente. Entretanto, é essencial gestores, professores e pais terem em mente que a sociedade se modificou, a família também, e nosso aluno hoje não é mais como era a décadas atrás. Mas e a escola? Essa infelizmente continua a mesma, de modo que comportamentos indisciplinados por parte dos alunos são freqüentes, pois não se atinge as expectativas dos mesmos; assim essa constatação aponta para uma necessidade primordial, a escola precisa se adequar para proporcionar uma educação de qualidade que desperte nos alunos o interesse pela escola e em aprender.

Segundo Aquino (1996) estamos presenciando um outro tempo, onde precisamos estabelecer novas relações. O aluno deve ser visto de acordo com o contexto em que está inserido, e o professor deve atuar de modo que contemple esse contexto. Na verdade, o posicionamento dos alunos, denota que os mesmos não têm vontade de ir à escola, nem respeito por ela. Como visto, essa postura pode ser gerada/potencializada por vários fatores, mas a escola também detém uma boa parcela nessa situação.

O próprio espaço escolar, sua organização, suas normas/regras, muitas vezes são impostos para os alunos, mas eles não têm clareza sobre elas, então ser indisciplinado sinaliza para o descontentamento com as regras, tal como sua não compreensão. Nesse sentido, acreditamos que seja necessário que os

alunos participem ativamente da construção das regras, e não somente as recebam já prontas e acabadas.

Estamos em uma época onde o discurso de valorização da democracia, cidadania e respeito é enaltecido, cabendo à escola trazer esses princípios para dentro do seu espaço e trabalhar de forma clara e contextualizada, buscando amenizar os casos de violência e repressão. Para tanto, acreditamos que a escola deve se munir de conhecimento e potencializar a postura dos seus profissionais com a noção de compromisso, de modo que, esse dois elementos aliados possam favorecer tanto na minimização dos casos de indisciplina, como na melhoria da aprendizagem dos alunos.

A indisciplina é um fator que influencia diretamente o desempenho da escola em cumprir seu papel: educar. Na verdade, pensar em alternativas para amenizar tais situações deveria ser um dos primeiros pontos a estar em pauta nas discussões da escola, entretanto, muitas vezes, a escola aponta como sendo o principal responsável pela indisciplina o próprio aluno e a falta de limites que se pressupõe que a família deveria colocar nas crianças.

Entretanto, como já pontuado, a indisciplina é um reflexo de uma indisciplina generalizada na sociedade, ela representa um emaranhado de elementos internos e externos à escola.

Muitas vezes, na ânsia de se resolver os problemas, os professores acabam impondo regras, agindo de maneira repressiva e coercitiva, impedindo a autonomia e liberdade dos alunos. Na verdade, a escola deve pensar em estratégias que propiciem experiências de cooperação entre alunos e professores, onde as regras sejam acordadas coletivamente, para os alunos se sentirem parte do ambiente.

Aquino (1998) aponta que há várias visões sobre o tema, e, portanto, várias formas de se analisar a questão. Ele nos diz que em uma visão mais sociologizante, a indisciplina é fruto da violência que afeta a sociedade, e conseqüentemente chega à escola, ou seja, a escola reproduz uma indisciplina que está além de suas fronteiras. Em uma visão mais institucional, Aquino (1998) nos chama a atenção porque a escola, enquanto instituição que cria e reproduz suas

próprias regras, não só reproduz a violência que lhe é externa, mas também gera relações que podem se converter posteriormente em situações de indisciplina. Outra visão é a psicologizante, que vê a indisciplina como distúrbios de personalidade do indivíduo.

Desse modo, podemos inferir que a escola enquanto instituição pode, devido sua organização, favorecer casos de indisciplina, entretanto, também as relações interpessoais tecidas no seu interior contribuem para esse quadro.

Aquino (1996) diz que a escola de hoje não está preparada para trabalhar com os indivíduos que nela chegam (alunos). A diversidade que atualmente encontramos nas escolas é tamanha, e aqueles alunos ideais, aquelas salas homogêneas tão sonhadas, se esvaecem já nos primeiros encontros com nossos sujeitos reais. Na verdade, é grande a dificuldade da escola para saber lidar com todas as diferentes “bagagens de vida” que chegam a ela.

Atualmente, os professores se encontram fragilizados, pois além de recair sobre eles boa parte das responsabilidades dos problemas da escola, muitas vezes, eles se encontram sozinhos e sem saber por aonde ir. A resistência dos alunos e a desobediência dos mesmos, dificultam a atuação do professor, e deixa evidente que a autoridade docente está em declínio. Na verdade, quando a imagística do aluno ideal se depara com o aluno real há um choque muito grande.

Na verdade, os valores cultivados nas escolas há algumas décadas atrás, como obediência, respeito, submissão, já não pautam mais o dia a dia da escola, e nem dá suporte para a realização de relações amistosas entre professor e aluno. Como as relações se encontram truncadas, a equipe escolar assume um posicionamento que visa normatizar as atitudes dos alunos; Aquino (1996) critica justamente esse fato, pois não há uma preocupação verdadeira com uma educação moral dos alunos, mas as regras e normas ficam somente a cargo de decisão da escola.

Outro ponto que Aquino (1996) critica é que, por se preocupar demasiado com essa “educação moral”, ou seja, com a normatização atitudinal dos alunos, fica em segundo plano o desenvolvimento cognitivo, ou seja, o processo de transmissão dos conhecimentos científicos clássicos, historicamente produzidos pela

sociedade, nossa maior herança cultural. A partir, dessa idéia ele questiona:

o que estaria acontecendo com a educação brasileira atualmente? Qual o papel da escola para sua clientela e seus agentes? Afinal de contas, sua função primordial seria a de veicular os conteúdos classicamente preconizados ou tão somente conformar moralmente os sujeitos a determinadas regras de conduta? (AQUINO, 1996, p.39).

A partir disso, Aquino (1996) analisa que a função da escola deve ter como foco a “reposição e a recriação do legado cultural” (p.46), a principal tarefa do docente não é educar moralmente, mas é de se encarregar de trabalhar os conhecimentos acumulados.

Mais adiante, o autor comenta que talvez a solução para o problema da indisciplina esteja nas formas de relacionamentos que são estabelecidas entre professor e aluno, ou seja, os vínculos estabelecidos. Na verdade, Aquino (1996, p. 51) diz que o trabalho deve ser fundado no resgate da moralidade discente, mas relacionado com o conhecimento científico. Ou seja, ele nos propõe que a educação moral deve estar relacionada com os conteúdos, e não deve ter um caráter moralizante, mas que trabalhe se baseando na relação professor/aluno, onde o respeito mútuo e a colaboração estejam em foco; na verdade, o que Aquino deseja é que a escola trabalhe esses princípios sem deixar de lado seu papel de espaço onde se constrói conhecimento.

A partir das idéias de Aquino, fica claro que a relação de cooperação entre docente e discente é essencial, na realidade o autoritarismo tão cultuado hoje por vários profissionais precisa sair de cena para entrar em cena o respeito mútuo; já que ambos – professor e aluno – se encontram no mesmo time e com o mesmo objetivo: adquirir conhecimento.

Isso não significa que ao se tornar parceiro do aluno no processo de construção de conhecimento o professor perde sua autoridade, e deixa de ser visto como professor e se torna amigo; Aquino chama justamente a atenção para esse aspecto, pois o que não se pode perder de vista são os papéis desempenhados por professor e aluno, um está encarregado de transmitir os conhecimentos, ou seja, ensinar e o aluno tem o dever de aprender. O autor comenta que é tarefa do professor apresentar o mundo para os alunos, sendo como que uma ponte entre

eles e os conhecimentos acumulados, ajudando nas transformações das novas gerações (AQUINO, 1998, p. 17).

Essas questões sobre respeito, cooperação, solidariedade, enfim, lições de cidadania, devem estar em pauta nas discussões da escola, pois ela é um espaço privilegiado para lidar com situações referentes a esses aspectos, pois além de poder sediá-los, pode os enfrentar com todo um aparato pedagógico que não está presente em outros locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender quais os fatores externos e internos que contribuem para que gerar a indisciplina no contexto escolar, além de, buscar refletir sobre qual o papel do professor perante comportamentos de indisciplina dos alunos em sala de aula, para garantir o acesso e a permanência do mesmo na escola.

Durante a pesquisa pode se perceber que a indisciplina não se limita apenas ao âmbito escolar, mas é uma questão social mundial que aflige a todos. A sociedade mudou, e conseqüentemente, o aluno de hoje não é mais o mesmo de décadas atrás.

Acreditamos que há a necessidade dos professores, alunos, pais e gestores serem cúmplices e se unirem a fim de buscar transpor os obstáculos e fazer algo diferencial, contribuindo para a construção de um espaço escolar saudável e amistoso.

As relações entre professor e aluno precisam ser restabelecidas de modo cooperativo e com respeito, além disso, os professores precisam estar preparados para receber alunos com as mais distintas características, buscando atender a todos da melhor maneira possível.

Ao término desse trabalho percebemos que a indisciplina é um obstáculo grande, entretanto podemos contribuir muito para que se estabeleça no ambiente escolar harmonia e respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. Rev. Fac. Educ. v.24 n.2. São Paulo, July/Dec. 1998a. 14p. Disponível em: www.scielo.br Acesso em 20 de Julho de 2009.

AQUINO, Julio Groppa. **A violência escolar e a crise da autoridade docente**. Cad. CEDES v.19 n.47. Campinas dez. 1998b. 8p. Disponível em www.scielo.br Acesso em 20 de Julho de 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: J.E.M.M. Editores LTDA, 1988.

OLIVEIRA, M. Izete de. **Indisciplina Escolar**: Determinantes conseqüências e ações. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

PILETTI, Claudini. **Filosofia da educação**. Ática, São Paulo, 1991.

REIS, José Roberto Tozoni. **Família, emoção e ideologia**. In: LANE, Silva T. M. **O indivíduo e as instituições**. [S.l.:s.n.] [ca 1985]

STEPANHOU, Maria; BASTOS, Helena Câmara (orgs). **Histórias e memórias da educação no Brasil**: séculos XVI – XVIII. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, v.1, 2004.

STEPANHOU, Maria; BASTOS, Helena Câmara (orgs). **Histórias e memórias da educação no Brasil**: século XIX. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, v.2, 2005.

STEPANHOU, Maria; BASTOS, Helena Câmara (orgs). **Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, v.3, 2005.